

RECENSÃO

**ERIK ORSENNA. MADAME BÂ. (2003).
LIBRAIRIE ARTHÈME FAYARD**

Alcinda Cabral

CENTRO DE ESTUDOS CULTURAIS,
DA LINGUAGEM E DO COMPORTAMENTO (CECLICO)
UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

A Senhora Bâ é, em primeiro lugar, o retrato de uma mulher. Uma mulher africana, isto é, uma mulher que, mais ainda que todas as outras mulheres, tem de lutar pela sua dignidade e pela sua liberdade.

Quinze anos depois da Exposição colonial, parti para indagar as relações da França com o seu antigo império. Mas desta vez é o Sul que tem os olhos em nós.

Erik Orsenna

Trata-se de um romance sobre a África contemporânea.

A acção passa-se no Mali, país que acompanha transversalmente a acção ao longo de toda a história, com as suas inúmeras belezas, não apenas contadas pelas palavras do autor, mas também pintadas nas descrições e cantadas na admiração à coragem do povo africano.

A par de uma escrita de eleição, descobre-se uma mestria na interpretação das pessoas e das circunstâncias que partilham a trama da vida em África nas últimas gerações de Malianos, que aqui representam a África toda, na sua grandeza e na sua pequenez. Grandes são as almas, mas pequenas são as vidas, encurtadas pelas dificuldades de que sofrem os seus habitantes.

A heroína deste conto é a Senhora Bâ, e através dela conhecemos a vida das cinco últimas gerações da sua família: a sua, à volta da qual gira toda a trama; a dos seus avós; a dos pais; a dos filhos e a dos netos. A Senhora Bâ faz a ponte entre essas gerações e simultaneamente entre os povos Soninquê e Peule que habitam o seu país, e ainda entre o Mali e a França, cronologicamente através das diferentes etapas: a colonização, a independência e a dependência África/Europa. É assim que desfilam os "problemas" da África, nos seus sonhos tantas vezes desfeitos, nas suas violências, nas suas máfias, e também a sua grandeza nas solidariedades, naquela arte e generosidade de tornar as causas dos outros suas e de sublimar as suas próprias.

Através da trama deste livro, deslizam sentimentos muito variados e acontecimentos que saem do livro para encontrar eco nas realidades vividas em África e na Europa, na relação ininterrompida da Europa com a África, que vai desde o entrecruzar das duas culturas, até às práticas distintas, onde nos aparecem realidades que num continente são consideradas legítimas e que noutro são tão ilegítimas que mal se conhecem: assim perpassam situações concretas de excisão de adolescentes, de casamentos arranjados entre as famílias, por vezes forçados, entre meninas e homens maduros. Da mesma forma e em sentido inverso são mal compreendidas as relações da Europa com a África, em particular as diferentes modalidades de cooperação ao longo dos séculos.

Valerá a pena terminar transcrevendo um excerto que aparece logo no início deste livro ímpar, no qual o autor resume a alma e a vida dos africanos e coloca em contraponto o sentir e o ser dos europeus, num intuito de melhor se compreender e assimilar criticamente a sua leitura:

Afastei-me da aldeia, caminhei por entre os rebentos de milhomíudo, levei as duas mãos à cabeça para me proteger do sol, franzi as sobrancelhas para dilatar o cérebro e cheguei a esta conclusão: aquele que não remonta aos séculos longínquos das asas nada compreende da nossa história.

Evidentemente que eu poderia remexer ainda mais longe nas recordações.

*No princípio era o mar, que cobria a África.
No princípio era o deserto, quando o mar se retirou.
Uma origem é sempre filha de uma origem mais antiga.
(...)*

Conheço-o. Na televisão, vi quando nos visitavam, pobres presidentes. Verifiquei que possuíam tudo, salvo o lazer. Tudo, motocicletas, Mercedes, hospedeiras de acolhimento e climatização. Tudo, salvo a liberdade de irem tranquilamente em busca da verdade mesmo nas épocas mais recuadas. Mal chegam a qualquer lado, logo com o indicador dão pequenas pancadas no vidro do vosso Rolex de platina. Já o vosso ajudante de campo vos murmura ao ouvido a litania das próximas entrevistas.

Vou, pois, direita ao essencial. Sigo sem parar. Passo mesmo por cima de tudo.

No princípio era a ave. A ave voando por onde lhe apetecia. Esqueçamos o mar e o deserto, esqueçamos, de momento, o rio Senegal que começou um belo dia a correr da montanha secreta Futa-Djalon. No princípio era a ave. A ave livre para brincar com as estações. Quando o frio penetra nas minhas penas, vou para o Sul. Quando a Primavera regressa ao Norte, eu volto para lá.

Então o exemplo das aves entrou na alma dos homens de pele escura. Os nossos povos têm nomes que ressoam no ar como os das aves: Peules, Mandingas, Toucouleurs, Soninquês, Bagadás, Tounacos, Barbicans... E as nossas línguas comparam-se aos seus cantos.

Como elas, amamos a liberdade, percorrer o planeta. Como elas, fugimos da dor e tanto quanto possível procuramos a doçura.

Como elas, tínhamos asas. Infelizmente as nossas asas caíram. Resta-nos caminhar